

UM ANO DE CARREIRA SOLO: A “REMEMORAÇÃO” NOS MEIOS DIGITAIS ATRAVÉS DO CASO CAMILA CABELLO.

A YEAR OF SOLO CAREER: THE "REMEMBRANCE" IN THE DIGITAL MEDIA THROUGH THE CAMILA CABELLO CASE.

Igor Lemos Moreira¹

Resumo: Partindo de produções acerca da cantora Camila Cabello, este artigo pretende provocar alguns questionamentos sobre as maneiras como os meios de comunicação, em especial os digitais, se relacionam com a memória. Entre o lembrar e o esquecer reflete-se primeiramente a respeito do presentismo e da memória, a partir da perspectiva da história do tempo presente, para em seguida se pensar a influência de dois portais de notícias brasileiros no processo de “memorização”/“comemoração” do aniversário de um ano de lançamento da carreira solo da artista. Através das tramas das narrativas apresentadas nos sites selecionados observa-se como que estes elegem determinados eventos e ressignificam eventos através de uma operação midiográfica.

Palavras-Chave: Rememoração; Camila Cabello; História do Tempo Presente; Meios Digitais.

Abstract: Starting from productions about the singer Camila Cabello, this article aims to provoke some questions about the ways in which the media, especially the digital ones, relate to memory. Between remembering and forgetting is reflected first of all about presentism and memory, from the perspective of the history of present time, and then to think about the influence of two Brazilian news portals in the process of "recollection" / "celebration" Of the one-year anniversary of the solo career of the artist. Through the frames of the narratives presented in the selected sites it is observed that they elect certain events and re-signify events through a midiographic operation.

Keywords: Remembrance; Camila Cabello; History of Present Time; Digital Media.

Desde o final de Dezembro de 2016 uma série de debates se desenvolveu ao redor da cantora cubana Camila Cabello. Naturalizada nos Estados Unidos a artista integrou, desde 2012, o grupo *Fifth Harmony* lançado através do *Reality Show The X-Factor*, até que, em 19 de Dezembro de 2016, informou através de uma carta publicada em suas redes sociais o seu desligamento do grupo e seu lançamento como artista solo. De imediato uma série de veículos de comunicação, em especial aqueles ligados aos meios digitais, começaram não apenas a divulgar essa informação, mas também a debatê-la e buscar prognosticar o futuro da cantora que poderia, segundo alguns portais, “cair no esquecimento” da indústria musical.

No caso brasileiro a discussão predominante nos primeiros momentos, mas não exclusiva, foi a de uma projeção da artista como destinada ao sucesso que já vinha conquistando ainda dentro do próprio grupo em suas breves incursões colaborativas com outros artistas. Essa perspectiva se justifica tanto pelo fato da cantora ter uma boa recepção no Brasil, país o qual visitou algumas vezes e que demonstra em entrevistas internacionais nutrir

¹ Universidade do Estado de Santa Catarina. Bolsista CAPES-DS e Integrante do Laboratório de Imagem e Som. igorlemoreira@gmail.com

grande carinho, como pelos principais grandes veículos de notícias ligados a cultura *pop* no país, como o portal de notícias *Popline*, compartilhem dessa opinião. Para justificar esse debate o referido portal e outros assumiram uma postura de construção biográfica da artista alinhados a uma ilusão biográfica e uma narrativa voltada a representação de uma estrela em ascensão (MOREIRA, 2017).

Na virada no ano de 2017 para 2018 vários sites brasileiros passaram a discutir a saída de Camila Cabello do grupo *Fifth Harmony* visando analisar os principais feitos da cantora no período de um ano fora do grupo. Através de um exercício de “comemoração”, alguns veículos produziram matérias que não necessariamente problematizaram esse período de aproximadamente 12 meses de carreira solo, mas buscaram selecionar e narrar eventos específicos visando construir uma determinada memória de um passado recente da cantora. O objeto do presente artigo, que parte de minha dissertação de mestrado em andamento, é realizar um estudo introdutório proposto a analisar as narrativas o referido processo a partir de alguns portais brasileiros.

Primeiramente são levantados e contextualizados alguns pontos referentes a memória e a rememoração nas últimas décadas centrando nas discussões do campo de estudos da história do tempo presente. A segunda parte do texto se detém justamente a entender como, narrativamente, é construída uma determinada visão acerca do rompimento da artista com seu grupo e sua projeção enquanto solista a partir de publicações online. Pretende-se investigar possíveis intencionalidades narrativas que visem uma determinada memória a respeito de Camila Cabello, uma vez que “quem narra tem algum propósito ao narrar, nenhuma narrativa é ingênua” (MOTTA, 2007. p. 146).

Tempo presente e Memória

A décadas finais do século XX e o início do XXI representam um período de obsessão pelas temporalidades, sendo representada em parte pela expansão das discussões sobre a memória e a noção de patrimônio cultural. Estes debates estariam atrelados a uma suposta crise da noção de temporalidade moderna, ou do regime de historicidade moderno e passadista, para um período novo, muito atrelado ao presente, chamado de regime de historicidade presentista, conforme François Hartog (2013). Esse presente onipresente, onipotente, hipertrofiado, único horizonte de possibilidades estaria relacionado especialmente a uma tese ou proposta de aceleração do tempo defendida por alguns historiadores mas que, encontra já em Reinhart Koselleck (2006) algumas devidas problematizações e retomadas a períodos anteriores aos marcos colocados por esta historiografia. Enquanto Koselleck cita a

“emergência” dessa possível aceleração do tempo a partir das guerras de reforma religiosa, expansão dos veículos de comunicação e início dos processos de globalização, a perspectiva do Instituto de História do Tempo Presente da França, e de Hartog, vai creditar especialmente às duas grandes guerras, mas principalmente a segunda, o estopim deste processo.

Arbitrário, o tempo é um processo de construção socio-histórico-cultural, onde o passado é significado e desta maneira se faz presente. O passado-presente só o é, em outras palavras, por conta de uma desejo de “não passar” ou uma “retomada” deste. Se o mesmo não é atribuído significado, mobilizado ou retomado ele relega-se a sua dimensão apenas de “passado”. Neste sentido, o caso de eventos recentes como a Segunda Guerra Mundial, ou o 11 de Setembro de 2001 podem ser tão presentes quanto a tomada da Bastilha em 1789, a suposta “descoberta do novo mundo” em 1500 ou o início do processo de feudalização, remontando aos séculos IV e V d.C. Repleto de camadas, ou aquilo de Koselleck em outra obra nomeou de *Estratos de Tempo*, nosso presente se constitui a partir de outras temporalidades, outras dimensões de espaços de experiência e horizontes de expectativas que se entrelaçam, coabitam e articulam-se.

Contudo de que modo poderíamos refletir acerca desse presente? Utilizarmos dos regimes de historicidade como instrumentos, ou ferramenta heurística, poderia ser uma boa opção para essa questão. Ferramenta comparativa, um regime de historicidade refere-se a um mecanismo de análise das dimensões passado-presente-futuro que, na maioria dos casos, mas não exclusivamente, revela-se ou é utilizado em momentos de crise. Anterior a esse regime de historicidade presentista, conforme já pontuado inicialmente, as sociedades ocidentais viveriam sob um regime de historicidade moderno, sendo este o futuro juntamente, a noção ou perspectiva de progresso/evolução, seria o principal articulador da tríade passado/presente/futuro. Na emergência do presentismo, conforme aponta Hartog (2013), uma das principais questões a despertarem debates populares seriam as memórias a partir especialmente das chamadas demandas sociais.

Um dos principais pontos que move o História do Tempo Presente está ligado, aquilo que Huyssen (2014) aponta como um interesse público pelo passado ampliado especialmente a partir das décadas de 1970/80 com o aumento de produções biografias e audiovisuais, além da moda retrô. Entre estes temas também, juntamente aos processo de patrimonialização que passam a se espalhar por várias regiões do globo, estariam as comemorações com suas ideias de “re-memoração” e de re-significação dos eventos. Ferreira (2012), destaca que as “rememorações” e as “comemoração” eram e são utilizadas especialmente na constituição de identidades, outra discussão central do tempo presente, atenderiam e/ou criando demandas

sociais por memória e reparação após os grandes traumas do século passado. Neste contexto, não sendo um juiz da verdade, o historiador se encontra constantemente frente a memória de seus contemporâneos que podem contestar suas narrativas e deparando-se constantemente com as relações entre o lembrar e o esquecer, pois conforme destaca Paul Ricoeur (2008), a memória se constitui nas tramas entre o dever de memória e a “necessidade”, ou por vezes os usos, do esquecimento.

Como destaca Andreas Huyssen (2014, p. 155),

Na cultura contemporânea, obcecada como é pela memória e o trauma, o esquecimento é sistematicamente malvisto. É descrito como uma falha da memória: clinicamente, como disfunção; socialmente, como distorção; academicamente, como uma forma de pecado original; em termos de vivência, como um subproduto lamentável do envelhecimento. Essa visão negativa do esquecimento, é claro, não é surpreendente nem particularmente nova.

A problemática do esquecimento é latente nas discussões sobre memória, mesmo que passe despercebida por alguns pensadores. A principal questão em torno disso parece apontar para o ponto onde a memória parece exigir alguma forma de trabalho, o esquecimento apenas aconteceria como um processo natural. Contudo, é preciso dizer, que ambos os debates não estão dissociados. Memória e esquecimento caminham lado a lado e representam-se em campos de disputa mútuos. Contudo de que maneiras essa dinâmica entre lembrar e esquecer funcionaria?

Para Michel de Certeau (2008), a memória se constituiria através do constante processos de rememoração. Esta seria, mais do que clarões ou relatos dispersos um “antimuseu não localizável”. Nesse sentido, o que viria a ser memória não é aquele momento exatamente como ele ocorreu, mas sim uma visão parcial do ocorrido a partir da subjetividade de quem o lembra/relata. Memórias não seriam, deste modo, o objeto como um todo, mas uma impressão destes onde repousa um passado que constantemente se altera sendo “um príncipe encantado de passagem, que desperta, um momento, a Bela-Adormecida-no-Bosque de nossas histórias sem palavras.” (CERTEAU, 2008. p. 189). Ou seja, memórias são lembranças que desperta através de gatilhos e que não transmitem o que de fato aconteceu, mas narram uma visão sobre os fatos afinal o processo de narração é um processo criativo e que não é tem origem exclusivamente em uma pessoa, mas sim de uma série de outros elementos.

Um dos principais autores que discutem essa relação acima colocada, é justamente Paul Ricoeur. Para o autor, a partir de seus estudos acerca do pensamento de Santo Agostinho,

a memória também seria uma produção do presente que representaria o passado sendo construída através da rememoração, sendo esta uma das principais formas na luta contra o esquecimento. Para o autor, “o reconhecimento de uma coisa rememorada é percebido como uma vitória sobre o esquecimento” (RICOUER, 2008. p. 110), sendo que este processo ocorre não apenas através do sujeito, mas como visto em Michel de Certeau, se desencadearia e/ou construiria a partir de gatilhos e referenciais, sendo a narrativa e os Lugares de Memória, por exemplo, um destes.

A respeito dos lugares de memória é preciso compreender que estes

são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. Valorizando, por natureza, mais o novo do que o antigo, mais o jovem do que o velho, mais o futuro do que o passado. (NORA, 1993. p. 13).

Os Lugares de Memória, que para Pierre Nora (1993. p. 07) existiram “porque não há mais meios de memória.”, viveriam sob um regime de compreensão da memória como algo não espontâneo, mas sim fruto de um processo de celebrações, aniversários, arquivos... Não seriam lugares estáticos, mas sim espaços pré-determinados por sujeitos, que os reforçariam ou ressignificaram de tempos em tempos, e que funcionariam como os gatilhos ou o “beijo” de Michel de Certeau.

Esse debate se situa também na emergência de nosso regime de historicidade presentista na medida em que “o presente tornou-se o horizonte. Sem futuro e sem passado, ele produz diariamente o passado e o futuro de que sempre precisa, um dia após o outro, e valoriza o imediato.” (HARTOG, 2013. p. 148). Nesse sentido, fenômenos como a discussão acelerada da construção do memorial do 11 de Setembro em Nova Iorque, quase imediatamente após o eventos, seria compreensível e demonstrativo dessa constante reinvenção do passado a partir do presente e de seus usos.

Mídias digitais e Escritas Comemorativas

As reflexões até agora apresentadas visaram apresentar de forma breve um debate extenso e repleto de obstáculos. O que se pretendeu até o momento levantar foram alguns dos principais obstáculos da memória e sua constituição a partir do regime de historicidade presentista e também das novas formas de lidar com o passado do final do século XX em diante, em especial pela a emergência da História do Tempo Presente. Esse debate então nos

permite levantar talvez a principal problemática deste artigo: de que maneira esse processo de construção da memória ou da rememoração se desenvolve nas teceduras do ambiente digital?

A perspectiva do tempo presente aponta para um elemento fundamental e uma preocupação importante entre os pesquisadores do século passado e início deste: o arquivamento e a salvaguarda de documentos ligados a dor e ao trauma, não apenas com a finalidade de proteção destes documentos, mas de preservação de memórias e com um grau de aviso e reparação dos erros de um passado ainda presente em nossa sociedade ocidental. Para Márcio Seligmann-Silva (2012) esse desejo de guardar aponta novamente para o problema do esquecimento, contudo desta vez enquanto uma necessidade institucional e de espaço, além da atribuição de significado pois se tudo for guardado nada estará sendo efetivamente elaborado e reconhecido pois todo arquivo resguarda em si mesmo uma historicidade e o entrecruzamento de temporalidades.

Tal esquecimento, principalmente voltado ao descarte ou apagamento de informações durante seleção do que “guardar”, encontra-se reinterpretado e ressignificado através das possibilidades dos meios digitais e da internet enquanto canal de disponibilização destes dados sem ocupar espaços físicos tão grandiosos como um acervo “impresso”. Neste sentido a discussão que Márcio Seligmann-Silva (2012) pretende fazer seria que a rememoração e os arquivos se constituem enquanto uma seleção historicamente construída que em si (re)elabora e significa os eventos a partir de uma (re)constituição. Esse processo de, muito semelhante e inter-relacionado a noção de acontecimento seria fundamental para compreensão da própria mídia e os meios digitais.

No ambiente digital/midiático, a discussão acima se intensifica. Primeiro porque ao mesmo tempo que existiria a facilidade na produção e compartilhamento de informações observa-se um receio com os meios de arquivamento das mesmas o que causaria uma sensação de fragilidade e/ou medo da perda. Isso é fundamental para compreender-se que entre as possibilidades de estudo dos meios digitais “o pesquisador do Tempo Presente tem acesso exclusivo a esse material, pois ele só é acessível em uma restrita janela temporal. Como se estivesse em um trabalho de “arqueologia de salvamento”, o historiador torna-se responsável pela análise e também pela preservação da informação.” (ALMEIDA, 2011. p. 16). Ao mesmo tempo, o processo de apagamento destas parece ser uma das principais características que mais atrai a atenção dos seus usuários que com apenas um clique poderiam apagar algo que já não querem mais lembrar ou que os outros vejam. Tendo em vista que muitas vezes os documentos digitais perdem-se facilmente, ou podem ser rapidamente modificados, como o historiador poderia se utilizar destas fontes?

Se desde a ascensão da Escola dos *Annales* a noção de documento para o historiador se ampliaram a partir de uma determinada perspectiva onde a fonte de investigação para o historiador se cria e delimita através de seus questionamentos (LE GOFF, 2003), a utilização da internet e dos meios digitais por pesquisadores partiria de alguns eixos principais de análise. Conforme destaca a especialista em história digital Anita Lucchesi (2014, p. 50),

Em relação a essas novas possibilidades de escrita da história, destacamos três características mais marcantes que, em maior ou menor medida, perpassam cada uma das questões acima apresentadas. Essa diversa historiografia é: inscrita no ciberespaço, escrita digitalmente (hipertextualmente) e é divulgada na rede. As três características são interdependentes entre si, uma vez que o elemento central que constitui o ciberespaço é o hipertexto eletrônico que só se torna acessível para o grande público se estiver disponível na rede mundial de computadores.

Além de destacar as principais abordagens da *Digital History*, a citação de Lucchesi ainda aponta para outro problema que deve ser enfrentado pelos historiadores: Seria possível se dizer que os meios digitais de certa maneira produzem uma narrativa histórica ou historiográfica? Certamente a ascensão da História Pública, campo que caminha alinhado a história digital, no Brasil auxilia neste debate já que possibilita-se pensar “os públicos” ou a sociedade como também responsáveis por formas de escritas da história distintas. No caso específico dos veículos de notícias online, foco deste artigo, essa é uma questão importante e que será levantada a partir da análise de dois portais.

A saída da cantora Camila Cabello do grupo *Fifth Harmony* em 2016 motivou, como já foi levantado, uma série de embates e projeções nos veículos midiáticos. Muitos portais, em uma necessidade que é própria do jornalismo e da comunicação, passaram a fazer jogos comparativos da decisão da cantora com outras artistas anteriores a mesma e utilizavam-se deste “passado” e também a própria trajetória da artista para justificar suas previsões acerca de seu futuro. Nesse ocasião, observou-se uma necessidade latente da mídia e dos próprios fãs e demais interessados não apenas por uma cobertura imediata dos fatos, mas também por uma forma de historicidade que desse o pano de fundo para o evento.

Pouco tempo depois o jornalista Leonardo Torres, já em 2017, publicava no portal de notícias *Popline* a matéria “*Camila Cabello: as conquistas em 3,5 meses fora do Fifth Harmony são impressionantes*” onde ensaiava uma escrita de trajetória pautada em uma perspectiva onde Camila Cabello estaria destinada ao sucesso e que a prova disso seria suas principais “conquistas” no curto período em que esteve fora do grupo. Como é de se esperar, a matéria possui em sua narrativa um objetivo muito evidente: o de valorizar a carreira solo da

cantora e contribuir para que se criasse uma cultura também de apoio a ela pois, ao retomar e registrar alguns eventos de sua vida, eliminando os problemas e obstáculos que ela pode ter enfrentado, estaria se garantido que esta não caísse no ciclo do esquecimento tão temido por alguns portais².

Os meses de 2017 passam-se, Camila Cabello começa a lançar novas músicas, projetar seu primeiro CD e dar continuidade a sua carreira e, apesar de existir uma forte cobertura ainda sobre a mesma, não se observam mais tantas matérias relativas a sua ruptura com o grupo de origem. Quando esse marco era mencionado, e por muitas vezes foi, era sempre em alguma introdução de texto ou como rápida contextualização da publicação. Foi apenas por ocasião do “aniversário” do rompimento no final de 2017 que os portais voltaram a debates propriamente o fato, para este artigo foram selecionadas para análise duas publicações.

A primeira delas refere-se ao mesmo portal anteriormente citado, o *Popline*. Lançado em 2006, esse portal foi idealizado por Flávia Saturnino, técnico em análise de sistemas, e possui uma média de 120 milhões de acessos anuais, sendo seguido por mais de 2 milhões de pessoas em suas redes sociais como Facebook, Instagram e Twitter. Com publicações feitas por profissionais da área de comunicação e/ou tecnologia o site possui um perfil profissional no que refere-se a sua apresentação como veículo de comunicação, produzindo inclusive já eventos próprios como shows e festas com cantores/as *pops* nacionais.

Assinada por Caian Nunes, autor de algumas outras publicações a respeito de Camila Cabello e do grupo *Fifth Harmony*, a matéria em questão foi publicada no dia 19 de Dezembro de 2017 e intitulada de “*Um ano fora do Fifth Harmony: uma retrospectiva da carreira solo da Camila Cabello*”. A relação com a própria data já é nítida desde o início uma vez que muito provavelmente esta publicação já vinha sendo preparada e organizada para ser lançada no dia exato em que se completasse um ano do anúncio da saída da cantora do grupo. Se comparada com a primeira matéria do site a respeito do caso, escrita por Leonardo Torres, podemos observar algumas rupturas e continuidades. A organização dos conteúdos, a utilização de recursos visuais e músicas como clipes, e uma linearidade dos eventos ainda permanece. A própria introdução da matéria tem um início muito semelhante pois não apenas opta-se por retomar a ruptura com o grupo, mas também é publicado um trecho do comunicado de saída escrito pela própria Camila Cabello. Em seguida, o autor inicia sua “própria” escrita no o seguinte trecho.

² Para saber mais acerca deste debate consultar o texto: MOREIRA, Igor Lemos. **Uma estrela em ascensão: O Portal *Popline* e a rápida ascensão na carreira multimídia da cantora Camila Cabello.** REVISTA TRANSVERSOS, v. 11, p. 81-97, 2017.

A saída não foi tão amigável. Repercutindo as afirmações de Camila, as outras integrantes fizeram questão de publicar um comunicado com a visão do grupo sobre o assunto... No texto, elas dizem que se esforçaram para convencer Camila e sua equipe a gravarem mais um álbum como quinteto, mas a cantora não aceitava sequer conversar sobre o assunto. Estava superdecidida e, em novembro, o empresário dela comunicou o grupo que Camila deixaria o Fifth Harmony no dia 18. Simples assim.

Isso causou uma divisão entre os fãs, mas as meninas afirmaram que estavam, então, no melhor momento da carreira e lançaram no dia 25 de agosto o primeiro álbum como quarteto. Em um momento marcante durante o VMA de 2017, o grupo fez uma polêmica alusão à saída de Camila Cabello quando derrubaram a “quinta integrante” do palco. (<http://portalpopline.com.br/um-ano-fora-fifth-harmony-uma-retrospectiva-da-carreira-solo-da-camila-cabello/> Acesso em: 31 de Janeiro de 2018).

É observável que logo no início é feito um balanço sobre o momento de ruptura ou seja, como destaca François Dosse (2013), se busca historicizar o acontecimento buscando, a partir de um ponto, se estruturar narrativamente um processo emergente. A saída da cantora não é vista apenas como um mero ponto que projetaria Camila Cabello para um futuro, mas sim como uma ocasião de disputa e ruptura. Se na publicação de Leonardo Torres já se projetava quase que imediatamente um futuro de sucesso ou “uma estrela em ascensão” (MOREIRA, 2017), a de Nunes contextualiza o momento de choque e utiliza-se dele para criar um panorama visando se justificar os “grandes feitos” da artista que serão narrados em seguida.

Neste sentido, é preciso se pontuar os usos que são feitos dessa ruptura. Se primeiramente o mesmo veículo tomavam a saída da cantora apenas como um pequeno ponto para realizar um balanço acerca de suas conquistas, neste outro (o mais atual) percebe-se que “a memória legitima o novo que representa a continuidade, mas também transforma a realidade numa nova realidade por um processo de “evolução”. (BARBOSA, 2004. p. 9). Nesse sentido, a retomada do dia 19 de Dezembro de 2016 e seus desdobramentos imediatos tem uma função de legitimar e também formar uma base para o restante da matéria que seguirá um perspectiva evolucionista dos fatos. No restante da matéria são elencadas as principais músicas e clipes lançadas pela cantora destacando seu perfil profissional acompanhado dos números alcançados (vendas, reproduções, colocações) por suas produções.

No dia 3 de agosto Camila Cabello lançou duas músicas inéditas “OMG” (com Quavo) e “Havana” (com Young Thug). De início, as faixas serviram como um presente para os fãs e não seriam trabalhadas. Mas o inesperado aconteceu. “Havana” despontou nas plataformas digitais e, mesmo sem divulgação, entrou no top 15 da Spotify Global. Com isso, no dia 30 de agosto a cantora anunciou o lançamento da música como single oficial. “É por isso que transformamos em single! Obrigada pelo amor e apoio à uma música que é tão próxima do meu coração”, escreveu ela no Twitter.

<http://portalpopline.com.br/um-ano-fora-fifth-harmony-uma-retrospectiva-da-carreira-solo-da-camila-cabello/> Acesso em: 31 de Janeiro de 2018).

Nesse sentido, percebe-se um esforço para demonstrar a consolidação de uma carreira que anteriormente fora “prevista” pelo mesmo portal, mesmo que isso não seja dito diretamente. Percebe-se também um esforço no decorrer de toda matéria para trazer a própria Camila Cabello para o texto através de citações visando uma aproximação com o leitor e a construção de uma legitimação de sua narrativa jornalística encarada como “um permanente jogo entre os efeitos de real e outros efeitos de sentido [...], mais ou menos exacerbados pela linguagem dramática das notícias” (MOTTA, 2007. p. 156). Assim, os usos da fala da cantora visam criar uma sensação de realidade, ou uma construção social (BERGER; LUCKMANN, 2014) desta, que seria apenas mediada pelo *Popline*.

Além disso, a matéria conclui destacando o futuro lançamento do primeiro CD da artista fazendo também projeções a respeito destes e seus *singles*. Destaca-se principalmente o pronunciamento da cantora referente a mudança de nome do que anteriormente seria chamado de “The Hurting, The Healing, The Loving” e que, por ocasião de mudanças na sua concepção e também de possíveis situações de embates com a gravadora passou a ser intitulado apenas de Camila. Junto a isso, o próprio portal destaca o lançamento de duas músicas junto ao pronunciamento da alteração do nome do CD feito pela cantora e destaca que uma destas, a canção *Never Be The Same*, seria o próximo single da artista após o sucesso de *Havana*. Inclusive, de acordo com o portal, o lançamento e números alcançados por *Havana* que possibilitariam o lançamento do disco de estreia de maneira mais estável e com propensão ao sucesso.

É interessante pois se, ainda em 2016, no início dos debates sobre a saída de Camila Cabello do grupo *Fifth Harmony* se destacam canções de sucesso e outros pequenos eventos para se criar a imagem de uma “estrela em ascensão” esse padrão volta a se repetir para se realizar esse balanço do um ano de carreira solo. De maneira muito similar projeta-se, assim como em 2016, um futuro acerca da cantora, contudo desta vez esse futuro seria voltado não para o lançamento de sua carreira como solista, mas projetando a consolidação de sua carreira através do lançamento de seu primeiro CD. Contudo esse futuro projetado, ou o horizonte de expectativas (KOSELLECK, 2006) só é possível a partir da retomada do passado recente da cantora e da resignificação da memória relativa a própria em função do presente. Deste relembrar os eventos ocorridos no decorrer de um ano esta diretamente ligado a uma perspectiva de olhar o passado a partir do presente e não deste integralmente como o foi (RICOUER, 2008) e o coloca-ló como justificador de um futuro.

O segundo caso que gostaria de levantar é uma publicação com temática similar publicada no portal FebreTeen. Escrita pela estudante de jornalismo Marisa Borges, a matéria intitulada “*Um ano de 5H sem Camila Cabello: o que isso representa na vida delas?*”, possui uma proposta bastante diferente da lançada pelo portal *Popline*. Enquanto no primeiro caso citado o foco narrativo é a cantora Camila Cabello e sua carreira no ano de 2017, o segundo pretende especialmente realizar uma perspectiva comparada entre a solista e seu antigo grupo. Neste sentido, o *Fifth Harmony* não é encarado apenas como um grupo que lançou a artista no mercado, mas como dotado de uma trajetória própria que não se apaga em função do rompimento.

É importante lembrar que o *FebreTeen* possui números aproximados ao concorrente *Popline*, como mais de 1.300 milhões de seguidores nas redes sociais, porém sua principal diferenciação é que ele assume diretamente ser um portal produzido por fãs. Apesar de muitas das matérias serem produzidas por jornalistas (formados ou em processo) o site se apresenta desde o início como uma produção de fãs o que causa no leitor uma sensação de proximidade e que auxilia a compreender o próprio estilo das publicações. Conforme Nelson Traquina (2004), o jornalista, assim como o escritor, parte de critérios próprios de visualização e análise do material. Seu estilo de escrita, suas preferências, seus posicionamentos, estão diretamente envolvidos em referências próprios que manifestam-se diretamente ou indiretamente no processo constitutivo da notícia. Nesse sentido, podemos considerar que a escrita jornalística se situa entre a busca por uma ilusória objetividade, a partir de critérios e regras próprias do campo, e a constituição de um campo das subjetividades na qual o produtor se encontra inserido, sendo que essa relação se manifesta na narrativa jornalística. Segundo Motta (2007, p. 143), “a narrativa traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, as identidades, as crenças, valores, etc.) em relatos.”.

Mais breve que o texto de Caian Nunes, a escrita de Marisa Borges se inicia primeiramente com o convite ao leitor lembrar o dia 19 de Dezembro de 2016.

Dá para acreditar que já completou um ano desde que Camila Cabello saiu da Fifth Harmony para investir em sua carreira solo?! Pois é, foi em 19 de dezembro do ano passado que a girlband anunciou em suas redes sociais a saída da cantora, e nós estamos abismados em como o tempo passou rápido. (<http://febreteen.com.br/2017/12/um-ano-de-5h-sem-camila-cabello-o-que-isso-representa-na-vida-delas/> Acesso em: 01 de Fevereiro de 2017.)

Percebe-se que diferentemente do *Popline*, a publicação toma o momento da ruptura a partir do ponto de vista da banda e não da cantora, que foi a primeira a se manifestar sobre o

caso em cara publicada nas redes sociais. Neste trecho ainda observa-se uma série de outras características narrativas como o uso do “?!” que indica uma interrogação, mas que também seria uma afirmação, e o retorno a proximidade com os “fãs”, grupo o qual o próprio site também se insere como já citado, especialmente no trecho final através da colocação “e nós estamos abismados”. Essa frase, de maneira solta, poderia ser interpretada como apenas um modo da redatora da matéria referir-se ao próprio veículo, contudo, dado ao perfil do próprio portal é possível se inferir esse outro significado.

Em seguida, o texto divide-se em duas partes com um parágrafo cada. No primeiro fala-se a respeito das realizações do grupo agora com quatro integrantes, se destacando especialmente o novo CD e a sua parceira com o cantor Pitbull. Já o segundo momento é feito também um breve comentário acerca da cantora Camila Cabello como solista.

Por mais que muitos sintam falta da Camila na girlband, a cantora têm se mostrado muito realizada na nova etapa da carreira e contou ter se tornando mais confiante escrevendo suas próprias músicas e sente que está crescendo como artista. A latina está realmente se desafiando em diversos pontos e está se saindo muito bem. Seu maior sucesso durante 2017 foi o single “Havana”, o qual muitos descreditavam e chegou ao topo dos charts. (<http://febreteen.com.br/2017/12/um-ano-de-5h-sem-camila-cabello-o-que-isso-representa-na-vida-delas/> Acesso em: 01 de Fevereiro de 2017.)

Perce-se especialmente no caso do Febreteen que os comentários acerca de Camila destacando sua herança latina e principalmente se projeta uma artista que, apesar de fazendo sucesso, estaria em processo de aprendizagem e crescimento ainda, o que difere do perfil apresentado pelo *Popline*. Deste modo, a matéria não visa realizar tantas projeções futuras acerca de nem da artista, nem do grupo, mas sim olhar os principais eventos ocorridos neste 1 ano de separação e comentar brevemente. Essa questão fica materializada no final da publicação de Borges, que vem logo após estes parágrafos resumindo o ano para cada um dos lados, quando se busca demonstrar uma ideia de “superação” dos eventos e de que ambos estariam agora bem e estabilizados.

Alguns apontamentos

O que a relação de um passado recente com a mídia nos permite pensar a respeito dos processos de rememoração/comemoração nos meios digitais em nosso regime de historicidade presentista? Como aponta a historiadora da comunicação Marialva Barbosa (2004. p. 11), “Presentificando o passado, a retórica jornalística da comemoração estabelece em relação ao acontecimento, difundido como informação e como espetáculo, a materialização de uma dada memória através da montagem de uma verdadeira indústria da comemoração.”. A

rememoração, ato individual de lembrar-se de um evento, e a comemoração, experiência coletiva de ressignificação deste, serão então mediadas constantemente pelos veículos de comunicação de modo geral, estando os meios digitais incluídos.

Através de uma operação midiográfica, conceito cunhado por Sônia Meneses Silva, observa-se a eleição de determinados fatos, colocados em um encadeamento narrativo que é elaborado pelo(a) escritor(a) da matéria e que visa uma determinada construção acerca do passado da jovem cantora. Nesse processo, “a mídia atua na elaboração, tanto de acontecimentos emblemáticos, como de conhecimento histórico a partir de narrativas que operam com categorias temporais na fundação de sentidos” (SILVA, 2011. p.24). Ao escrever no presente o/a jornalista mobiliza (in)consciente as categorias de espaço de experiência e horizonte de expectativa organizando de maneira lógica os fatos transcorridos nos últimos tempo e projetando não apenas uma perspectiva de futuro acerca da carreira de Camila Cabello, mas também do que deveria ser lembrado acerca de sua trajetória.

Se, como visto inicialmente, a construção de qualquer forma de memória parte de um constante jogo entre o lembrar e o esquecer, os meios de comunicação se inserem cotidianamente nesses embates e atuam de maneira extremamente significativa no processo uma vez que “ao selecionarem fatias do mundo como se fosse o que acontece no mundo, articulam discursivamente o que deve ser considerado passado numa perspectiva futura.” (BARBOSA, 2016. p. 121). As narrativas dos veículos midiáticos, em um contexto de sensação da aceleração do tempo podem ser percebidas como um das características de nosso regime de historicidade presentista e da necessidade constante de “re-invenção” de um futuro onde elencam-se determinados fatos que são reforçados cotidianamente.

É justamente nos meios digitais, por sua ampla possibilidade de distribuição imediata que os veículos de comunicação, como visto nos casos a respeito de Camila Cabello, vem encontrando maior espaço para discussão de determinados eventos. Apesar de existirem outros suportes para publicação de matérias, como revistas e jornais impressos, o espaço online tem se demonstrado fundamental no processo de construção da trajetória da cantora precisando ser encarado como um aspecto importante para compreender-se não apenas um processo imediato, mas que terá implicações futuras certas nas investigações acerca da história da música *pop*, já que é não apenas a indústria, mas também os meios de comunicação que elegem também seus favoritos num ramo de conflitos e disputas diárias.

Deste modo, tão longe de encontrar uma solução para um debate que por si só extremamente recente, esse artigo visou levantar alguns apontamentos e ensaiar algumas reflexões tomando um caso recente como estudo de caso. Objetivou-se especialmente, a partir

das produções acerca da cantora Camila Cabello, provocar alguns questionamentos a respeito do funcionamento de uma “rememoração”/“comemoração” nos meios digitais. Para isso se buscou analisar como dois portais que publicaram matérias sobre o um ano de rompimento da artista com o grupo *Fifth Harmony*, operam e constituem narrativamente determinadas visões acerca dessa trajetória.

Referências

- ALMEIDA, Fábio Chang de. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Aedos**: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online), v. 3, p. 9-30, 2011.
- BARBOSA, Marialva. Jornalistas, senhores da memória?. In: **XXVII Congresso da Intercom**, 2004, Porto Alegre. CD Rom do XXVII Congresso da Intercom. Porto Alegre: PUC-RS e Intercom, 2004.
- _____. Imprensa e História Pública. MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Janiele Rabêlo de; SANTIAGO, Ricardo (Org). História Pública no Brasil: Sentidos e Itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 121-131.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social a realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 36ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2013.
- FERREIRA, Marieta de M. Demandas sociais e história do tempo presente. In.: VARELLA, Flávia F. (Org.) [et al.] **Tempo presente e Usos do Passado**. Rio de Janeiro, FGV, 2012. p. 101-124.
- HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- HUYSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente**: modernismo, artes visuais, políticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Contraponto 2006.
- _____. **Estratos do tempo**: estudos sobre a História. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-RJ, 2014.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- LUCCHESI, Anita. Por um debate sobre História e Historiografia Digital. **Boletim Historiar**, v. 1, p. 45-57, 2014

- MOREIRA, Igor Lemos. Uma estrela em ascensão: O Portal Popline e a rápida ascensão na carreira multimídia da cantora Camila Cabello. **Revista Transversos**, v. 11, p. 81-97, 2017.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: Cláudia Lago; Marcia Benetti. (Org.). **Metodologia da pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007, v. , p. 144-167.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. N°10, p. 12. 1993.
- ROUSSO, Henry,. **A Última catástrofe: a historia, o presente, o contemporâneo**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2016.
- RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2008.
- SILVA, Sônia Maria de Meneses. **A operação midiográfica: A produção de acontecimentos e conhecimentos históricos através dos meios de comunicação – A Folha de Sao Paulo e o Golpe de 1964**. 2011. p. 319. Tese Doutorado – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Direito pós-fáustico: por um novo tribunal como espaço de rememoração e elaboração dos traumas sociais. In: FICO, Carlos; ARAÚHO, Maria Paula; GRIN, Monica (Orgs.) **Violência na História: Memória, trauma e reparação**. Rio de Janeiro: Ponteio, 2012. p. 103-116.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2004.